

## Uma singularíssima pessoa!

Carlos Alberto Aragão de Carvalho Filho\*

*Instituto de Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro*

Em um de seus poemas, o paraibano Augusto dos Anjos usou a expressão que serve de título a este texto. Não consigo pensar em melhor maneira de descrever Ronald Cintra Shellard, amigo de tantos anos, de quem me despedi, sem saber que aquela seria nossa última conversa, no dia 24 de novembro de 2021, em circunstâncias que bem ilustram sua singular personalidade.

Conheci o Shellard quando estive de férias no Brasil em 1981, em seguida ao meu pós-doutorado no *Centre Européen de la Recherche Nucléaire* – CERN e antes de um segundo pós-doc, na Universidade de Paris XI, em *Orsay*. Minhas férias não o impediram de me convidar para um seminário no Instituto de Física Teórica – IFT sobre o trabalho feito no CERN. Aceitei o convite, preparei umas quantas transparências sobre teorias de campos na rede e lá fui eu para a Rua Pamplona, em São Paulo.

Encontrei uma audiência simpática e receptiva, liderada por meu anfitrião. Ao final do seminário, ele veio conversar – manifestou interesse no trabalho, apesar de eu ainda não ter muitos resultados novos, e sondou-me sobre uma possível ida para o IFT quando de meu retorno ao país. Foi extremamente amigável; agia como um velho conhecido.

O jeito afável e educado combinava bem com sua figura alta, longilínea, de modos elegantes. Parecia um refinado paulistano quatrocentão que se dedicava à física como *hobby*, o que explicaria o ar etéreo e aparentemente despreocupado com que ele se conduzia. Era um papo agradável e já nesse primeiro encontro pude apreciar alguns exemplos de sua fina e bem-humorada ironia.

Voltei ao Rio e de lá fui para Paris, onde viria a realizar o trabalho de maior impacto de minha carreira, em parceria com meu amigo italiano Sergio Caracciolo e sob a orientação de Jürg Fröhlich, físico-matemático suíço, já famoso na época. Sergio, vinculado ao *Institut des Hautes Études Scientifiques* – IHES, em *Bures-sur-Yvette*, e eu, na Universidade, trabalhávamos sempre juntos, ora em *Bures*, ora em *Orsay*, vilarejos contíguos na linha do trem.

Os resultados do esforço em teorias de campos na rede, cujo aprendizado devo a Miguel Virasoro no CERN, apareceram ao final do período em Paris. Decidi retornar ao Brasil em 1982, não sem antes cursar a Escola de Verão de *Les Houches*, repleta de cursos no estado da arte, dados por

físicos teóricos em grande evidência naquele momento.

Reencontrei o Shellard na Escola e lá construímos uma amizade que nos acompanharia desde então. Eu vivia um momento especial, de certa notoriedade, graças aos artigos com Caracciolo e Fröhlich, e ele vinha de três meses no CERN, em contato com fenomenólogos muito próximos dos experimentos. Estávamos animados, pois *Les Houches* representava uma ótima oportunidade de aprendizado.

Creio que o estágio no CERN impactou meu amigo, pois ele viria a se dedicar, ao longo de muitos anos, de corpo e alma, a tornar o Brasil membro oficial da instituição, algo que só ocorreria quase 40 anos depois da visita de 1982. Sua mudança de físico teórico para experimental pode também ter sido consequência de seu encanto pelo laboratório europeu e por tudo que ele aportava à ciência e à sociedade.

Deixei a Escola após um mês e retornei a Paris para cuidar de meu regresso ao Brasil. Minha mulher e meu filho recém-nascido já haviam retornado. Shellard veio a Paris para uma conferência e hospedou-se comigo. Participamos juntos da conferência e, nos retornos para meu apartamento no XV<sup>ème</sup>, desfrutamos de ótimos jantares em bistrôs das vizinhanças, regados a bons vinhos e boas conversas sobre os assuntos mais variados.

Cheguei ao Brasil em outubro de 1982. Fui trabalhar no Departamento de Física da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/RJ, como Professor Assistente. Shellard continuava no IFT. Logo após meu retorno, convidado pelo Gil da Costa Marques, iniciei uma colaboração com colegas do Instituto de Física da Universidade de São Paulo – IFUSP: Gil, Adilson José da Silva, o AJ, Ivan Ventura e eu formávamos um grupo autointitulado “os quatro sem patrão”.

A colaboração com os colegas do IFUSP me fazia passar uma semana por mês em São Paulo, concentrado no trabalho de pesquisa, mas com tempo para frequentar os amigos na cidade. Estive com o Shellard várias vezes nesse período, que durou todo o ano de 1983. Naquela época, conheci seus pais, irmãs e irmão no apartamento do edifício Duque de Aragão, uma coincidência que, dizia eu, os tornava habitantes do meu “ducado”.

Esse convívio paulistano resultou em artigos científicos, orientações de teses e iniciativas em prol da comunidade de física. Destas, destaco a 2<sup>a</sup> Escola de Verão Jorge André Swieca, de 1985, organizada pelo Adilson e por mim, com providencial ajuda do Shellard. Nós nos divertimos muito,

\*Electronic address: aragao@if.ufrj.br

apesar do enorme trabalho de organização, enfrentado com bom humor, mesmo com os contratemplos causados pelo infernal trânsito da cidade, que terminariam por deslocar a Escola para Campos do Jordão.

AJ e Shellard tinham sido companheiros na Politécnica da USP, onde cursaram engenharia antes de migrarem para física. Mais que companheiros, eram bons amigos, o que tornou o trabalho prazeroso e eficiente. O comportamento amigável e descomplicado do Ronald contribuía para que as coisas fluíssem, traço característico de sua bem-sucedida carreira. Mesmo não sendo oficialmente organizador, ele colaborou muito para o sucesso da Escola.

Em 1983, ele transferiu-se para a PUC/RJ, após o período como Professor Assistente no IFT, de 1978 a 1983. Antes, havia-se graduado no IFUSP, em 1970, concluído o mestrado em 1973, no IFT, sob a orientação de Paulo Leal Ferreira, e o doutorado na *University of California at Los Angeles* – UCLA, em 1978, sob a orientação de John Michael Cornwall. O mestrado foi sobre amplitudes de decaimento eletromagnético no modelo de quarks simétrico e o doutorado, cujos resultados foram publicados no *Physical Review D*, sobre quebra dinâmica de simetria em dois ou mais *loops*.

A vinda do Shellard para a PUC, já como Professor Associado, permitiu que colaborássemos em teorias de campos na rede, minha área de trabalho desde o retorno do CERN. Ele rapidamente se familiarizou com o tema e, com seu espírito agregador, engajou Márcia Gonçalves do Amaral e Maria Elena Pol no programa de pesquisa. Publicamos três artigos sobre teorias de campos escalares: no *Brazilian Journal of Physics* – BJP, com M. G. Amaral; no *Physics Letters B* – PLB, com M. G. Amaral e M. E. Pol; e no *Zeitschrift für Physik*, com ambas. Os dois últimos incluíam efeitos de temperatura.

Sua incursão no terreno das simulações numéricas de teorias de campos rendeu mais três artigos, um PLB, um *Journal of Physics G* e mais um BJP, em colaborações envolvendo Márcia e Maria Elena. A tese de doutorado da Márcia foi nessa área e continha resultados para os diagramas de fase de teorias escalares e teorias de calibre a temperatura finita. Quando mudei minha área de pesquisa, ele havia conseguido formar um núcleo e liderar um pequeno grupo que seguiu trabalhando por mais dois anos.

Em 1986, tornei-me Diretor do Departamento de Física da PUC/RJ, com mandato de dois anos. Ao final do mandato, saí em período sabático para Princeton, onde havia obtido meu doutorado. Shellard, por sua vez, partiu para um período de dois anos, 1988-1989, no CERN, onde tornou-se físico experimental de altas energias, ingressando na colaboração DELPHI. A mudança coincidiu com o ressurgimento da física experimental de partículas e campos no Brasil, para o qual ele contribuiu decisivamente de várias maneiras.

Essa física tivera seu início no país com um laboratório de raios cósmicos montado por Gleb Wataghin, em 1934, para apoiar as pesquisas teóricas do IFUSP. Emulsões em chapas fotográficas registravam trajetórias de partículas e alimentavam a fenomenologia da época. A descoberta do méson  $\pi$  por Lattes, Ochialini e Powell foi produto dessas técnicas que, pouco depois, foram substituídas pelos aceleradores de

partículas, cuja versão mais moderna é o *Large Hadron Collider* – LHC do CERN.

Shellard foi impactado pelo avanço da física experimental de altas energias no CERN, bem como pelas inovações dele decorrentes: feixes de partículas cada vez mais energéticos e de maior luminosidade; avanços em detectores; progresso induzido em materiais; digitalização; comunicações; a *World Wide Web*; programas de ensino e de divulgação; e sobretudo, a exitosa experiência de integração de vários países por meio da ciência. Tudo isso deve ter influenciado em sua decisão de tornar-se experimental e lutar pelo acesso do Brasil à física experimental de partículas na era dos grandes aceleradores.

A partir de 1988, ele familiarizou-se com diferentes temas experimentais: colisões elétron-pósitron; busca pelo bóson de Higgs; mésons pesados; raios e neutrinos cósmicos; detectores e monitoramento atmosférico. De 1983 a 1994, trabalhou apenas na PUC, mas naquele último ano tornou-se Pesquisador Titular do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas – CBPF, onde permaneceria pelo restante da carreira. Entre 1990 e 2001, foi também colaborador do IFT e permaneceu em tempo parcial na PUC até 2010, quando passou a dedicar-se exclusivamente ao CBPF.

Shellard voltou ao CERN em 1994, por dois anos. Em 1995, ingressou no Projeto do Observatório Pierre Auger, colaboração internacional para investigação de raios cósmicos ultraenergéticos que utilizava detectores espalhados pelo mundo. Em particular, em Malargue, na Argentina, que ele visitou com frequência, mantendo ativa colaboração. Os raios cósmicos, ligados às origens da física experimental de partículas no Brasil, voltavam a ocupar papel de destaque, agora na área de pesquisa que passou a ser conhecida como astrofísica de partículas.

Foi ainda nessa área de investigação que ele se envolveu com o *Cherenkov Telescope Array* – CTA, a partir de 2011, e foi fundador do *Southern Wide Field Gamma-Ray Observatory* – SWGO, que opera desde 2019. Este último foi resultado da fusão de três projetos, um deles o *Large Array Telescope for Tracking Energetic Sources* – LATTES, título construído pelo Shellard para homenagear o Lattes. Esses projetos destinavam-se a detectar raios cósmicos e obter informação sobre suas origens astrofísicas.

Voltando a 1994, foi nesse ano que ocorreu a migração de vários físicos e engenheiros da PUC/RJ para a Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e para a Universidade Federal Fluminense – UFF. Eu era o Decano do Centro Técnico-Científico – CTC da PUC/RJ desde 1992 e liderei esse movimento. Acabei no Instituto de Física da UFRJ – IF/UFRJ, onde fiz concurso para Titular em 1994, junto com vários colegas. Shellard optou por ficar em tempo parcial na PUC/RJ e também no CBPF, em regime de 40 horas semanais.

Creio que sua opção pelo CBPF se deveu a que lá ele teria melhores condições para trabalhar em física experimental de altas energias, pois já havia grupos atuando naquela área. Além disso, não haveria necessariamente carga didática adicional, o que permitiria maior liberdade para viajar e participar das colaborações internacionais. Sua decisão teria

grande impacto para a evolução daquela área de pesquisa na instituição. Ele logo tornou-se líder e referência no Centro.

Seu trabalho em prol da ciência nacional e da comunidade científica o acompanhou ao longo de toda a carreira, mas foi ainda na PUC que ele atuou como Conselheiro Regional da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC, de 1986 a 1988. Voltaria a essa função entre 1994 e 1996, já no CBPF. Foi Editor da SBPC, de 1995 a 1999, e seu Secretário Regional, entre 1996 e 1998. Sócio da Sociedade Brasileira de Física – SBF desde 1973, foi seu Vice-Presidente, na gestão de Celso Pinto de Melo, de 2009 a 2013.

Sua dedicação ao CBPF foi cada vez maior, não apenas na pesquisa, mas também na administração do instituto. Foi Vice-Diretor do Centro, de 2006 a 2013, na gestão de Ricardo Galvão, de quem se tornou grande amigo e parceiro. Chegou a Diretor em 2015, posto que manteve até falecer, já em segundo mandato. Acompanhei de perto sua primeira gestão como membro do Conselho Científico, posto para o qual ele me convidou. Pude constatar seu forte envolvimento com o Centro e sua liderança, entre os diretores dos institutos do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovações – MCTI, em prol da redefinição e da valorização do papel desses institutos.

Shellard dedicou grande esforço a estabelecer e consolidar uma moderna comunidade de física experimental de altas energias no País. Quando eu era membro do Comitê Assessor de Física do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, entre 1996 e 1998, ele deu subsídios importantes para a avaliação dos pesquisadores da área ao esclarecer como eles eram avaliados no âmbito das colaborações internacionais. E foi instrumental, com Ricardo Galvão e outros colegas, para a criação da Rede Nacional de Física de Altas Energias – RENAFEA.

A rede teve sua origem em uma reunião, ocorrida por volta de 2005, quando eu era Diretor Científico da Financiadora de Estudos e Projetos – Finep. Dela participaram Erney Camargo, então Presidente do CNPq, Sergio Rezende, que presidia a Finep, Roberto Salmeron, eminente físico experimental da *École Polytechnique* de Paris, e eu, que compareci a pedido do Sergio.

Na reunião, desenhamos uma estratégia para apoiar o conjunto dos grupos da área por meio de uma rede, destinada a organizar e harmonizar as necessidades e solicitações dos vários grupos. A estratégia, para funcionar, requeria a criação dessa rede com regras de atuação bem estabelecidas, tarefa nada trivial, para a qual Shellard e Galvão contribuíram decisivamente. Foram eles que a tornaram operacional e a presidiram nos primeiros tempos.

A dedicação à comunidade científica brasileira fez com que Shellard se dedicasse tenazmente à tarefa de tornar o Brasil membro permanente do CERN. Ele não se cansava de alardear os benefícios que isso traria, não apenas para nossa ciência, mas também para nossa tecnologia e nossas empresas de base tecnológica. Seus esforços foram finalmente recompensados com a adesão do País, ocorrida em 2021, quase 40 anos após seu primeiro contato com aquele centro internacional, modelo de colaboração científica, tecnológica e cul-

tural entre países.

Sua convicção de que nossa ciência necessitava ser mais internacional o levou a colaborar com a *International Union of Pure and Applied Physics* – IUPAP, entre 2011 e 2014, e a manter contatos internacionais constantes nas colaborações de que participou. Era também membro da *American Physical Society* – APS, da *American Association for the Advancement of Science* – AAAS e do *Institute of Physics* – IOP. Com seu espírito generoso e agregador, abriu muitas portas internacionais para físicos brasileiros.

Em 2017, foi admitido como Membro Titular da Academia Brasileira de Ciências – ABC, pelo conjunto de suas contribuições. Foi também admitido na Ordem Nacional do Mérito Científico, no grau de Comendador, em 2021, distinção que recusou em solidariedade a colegas que tiveram sua premiação cancelada por motivos políticos. Ao saber de sua atitude, enviei-lhe uma mensagem de congratulações. Ele respondeu dizendo que há limites que simplesmente não podem ser transpostos.

A partir de 2004, quando comecei a exercer funções fora da universidade, nossos contatos rarearam, mas, quando nos encontrávamos, no CBPF ou em eventos científicos ou sociais, reatávamos nossas conversas sobre assuntos diversos. Ele sempre mantinha sua fina ironia e uma atitude muito sadia de não levar problemas demasiadamente a sério, por mais complicados que pudessem parecer. Bem na linha do “no final, tudo acaba bem; se não está bem, é porque não acabou.”

Após exercer cargos de direção em diversos órgãos ligados à ciência, à tecnologia e à inovação, decidi me aposentar da UFRJ em 2016. Shellard, ao saber disso, convidou-me para passar um tempo no CBPF, integralmente dedicado à pesquisa em física. Foi um período muito agradável, em que tínhamos contato diário. Almoçávamos juntos com frequência, conversávamos sobre física e discutíamos assuntos do CBPF e da ciência brasileira e internacional, em papos descontraídos com muitas trocas de experiências acumuladas.

Fiquei no Centro até o final de 2016. Em 2017, fui para a Comissão Nacional de Energia Nuclear – CNEN, a convite do então Presidente e grande amigo, Renato Machado Cotta, para liderar um projeto sobre fusão nuclear. Fiquei lá quatro meses, até a saída do Cotta, quando fui para o núcleo de implantação da Agência Naval de Segurança Nuclear e Qualidade – AgNSNQ, da Marinha do Brasil. A Agência foi ativada no ano seguinte; nela permaneci até hoje.

No breve período que passei no CBPF, em 2016, aceitei a proposta do Itzhak Roditi de orientar um estudante de doutorado, Daniel Medeiros Reis. Shellard foi um entusiasta da ideia, pois sabia que isso me manteria por perto, algo que ele julgava benéfico para mim e para a instituição. Generoso, disponibilizou uma sala que eu utilizava para discussões com Daniel e, mais adiante, também com Daniela Szilard, que veio fazer seu pós-doutorado comigo no Centro.

A partir de 2017, eu aparecia ao menos uma vez por semana e era sempre recebido “com tapete vermelho”. Minhas visitas quase sempre incluíam almoços com Ronald, no *Shopping Rio Sul* ou na Urca, em que o CBPF e a ciência brasileira

eram temas de conversa frequentes. Por duas vezes, ao final do dia, fomos para sua casa na Urca, para dar continuidade a nossos papos. Lá, após a recepção “calorosa” do Zeca, apelido de seu cão Isaac Newton, e da acolhida sempre simpática da Elisa e de sua mãe, degustamos bons vinhos e conversamos por um bom tempo.

Entre 2017 e 2019, mantivemos o contato semanal, inicialmente por conta de meu trabalho de orientação e, a partir de meados de 2019, por conta de minha atuação à frente de um grupo de especialistas em regulação nuclear, encarregado de elaborar um projeto para a criação de órgão regulador independente da CNEN. Shellard, de maneira corajosa e amiga, disponibilizou espaço, recursos audiovisuais e recursos computacionais para o trabalho do grupo, mesmo sabendo tratar-se de tema bastante polêmico no setor nuclear.

Também em meados de 2019, quando retornei da reunião anual do Conselho Científico do *International Centre for Theoretical Physics* – ICTP, de Trieste, eu trouxe um presente de Daniele Amati, importante físico italiano, para o CBPF: as notas manuscritas, por ele e por Alberto Sirlin, outro físico notável, do curso que Richard Feynman havia dado no Centro, em 1953, tendo ambos como alunos.

Entreguei os originais ao Shellard. Eles requeriam cuidados especiais para sua preservação. Imaginamos restaurá-los e digitalizar todo o material para disponibilizá-lo na página da biblioteca na internet. Ronald gostou muito da ideia de ter de volta no CBPF material tão valioso, em que Feynman expunha sua maneira de tratar mecânica quântica usando integrais de caminho, algo que apareceria em livro anos mais tarde.

O fim do ano de 2019 foi muito atribulado para nós dois: eu, às voltas com o projeto do órgão regulador nuclear; ele, lutando com muita garra para obter recursos para a manutenção do Centro, sem deixar de lado as colaborações internacionais e as tratativas para ingresso do Brasil no CERN, que avançavam à custa de muito esforço.

A despeito de nossas agendas carregadas, conseguimos encontrar tempo para jantar em meu apartamento do Leblon, na companhia de Luiz Davidovich e Solange. Kenya, minha mulher, supervisionou a elaboração de um cozido, muito apreciado, a julgar pelo apetite dos convivas. Ronald estava feliz e falante, contando casos e lembrando passagens que havíamos compartilhado. Foi uma noite das mais agradáveis, literalmente nossa última ceia.

Ao entrarmos em 2020, a pandemia passou a controlar nossas vidas. Fiquei trabalhando de casa por uns dois meses, ao fim dos quais retornei às atividades presenciais, como ocorreu nas organizações militares da Marinha. No CBPF Shellard mantinha-se ativo em videoconferências e administrava o Centro à distância, com o entusiasmo e a dedicação de sempre, apesar das dificuldades. Chegamos a falar por telefone umas poucas vezes, mas perdemos o contato frequente.

No início de novembro de 2021, recebi um *e-mail* de Daniele Amati, reclamando que nada havia sido feito em relação às notas apresentadas ao CBPF. Liguei para o Shellard e expus a situação. Ele, com seu jeito *blasé*, minimizou o problema, dizendo que eu não me preocupasse, pois cuidaria do

assunto<sup>1</sup>. Depois, conversamos um pouco sobre amenidades, até que ele me perguntou se eu sabia onde ele estava naquele momento.

A pergunta surgiu em meio a uma conversa descontraída, bem típica do estilo do meu interlocutor. Brinquei: “Você deve estar em alguma beira de praia, degustando um malte escocês!”. Para meu espanto e consternação, ele disse que estava na emergência da Casa de Saúde São José, por conta de “um *ET* que carrego dentro de mim.” Foi quando eu soube de sua doença, sem imaginar a gravidade da situação, pois ele a tratava da forma natural e descomplicada com que encarava todos os assuntos.

Essa conversa ocorreu no dia 24 de novembro de 2021, uma quarta-feira. Eu estava saindo do trabalho, por volta das 17 h, rumo a um compromisso. Disse a meu amigo que lamentava não poder estar com ele, pois já estava atrasado, mas que iria vê-lo, tão logo ele se livrasse da emergência, para planejarmos a retomada de nossos encontros. Desejei melhores rápidas e prometi que jantaríamos juntos em breve.

Por uma perversa ironia, ao final do dia seguinte, quando cheguei em casa, verifiquei que estava com a perna esquerda bastante inchada. Fui para o hospital Copa d’Or, em Copacabana, onde constataram trombos em uma veia superficial. Fiquei internado de quinta a domingo, imóvel e tomando anticoagulantes. Creio que na quinta mesmo enviei-lhe uma mensagem de *WhatsApp* contando o ocorrido e perguntando se ele já estava em casa. A resposta por *zap* veio rápida e lacônica, dizendo que já estava em casa, mas muito enfraquecido. Desejei-lhe melhoras e pedi que nos mantivéssemos em contato, com informações sobre nossas saúdes.

Saí do hospital no domingo, recuperado, mas com a determinação de ficar uma semana de molho. Dias depois, enviei-lhe outra mensagem para dizer que eu também já estava em casa. Ele me respondeu com uma frase curta: “Internado de novo.” Respondi de imediato – creio que perguntei se ele estava na São José, mas não tive retorno.

Na segunda-feira, dia 6 de dezembro, eu já estava liberado para retornar ao trabalho. Na tarde desse dia, meu aluno Daniel defendeu com êxito sua tese de doutorado por videoconferência. Terminada a tese, lembrei-me do Shellard. Liguei para a Cláudia, secretária da diretoria e grande parceira. Ela disse que ele permanecia internado, em condição crítica. No dia seguinte, à tarde, ela ligou, em prantos, com a triste notícia de seu falecimento.

Compareci ao velório, no Caju, e à missa de sétimo dia, na Candelária. O velório foi mais restrito, devido à pandemia, mas na missa a igreja estava repleta. Ele era, efetivamente, muito querido. Além dos parentes e amigos, havia gente das várias instituições com as quais ele havia interagido ao longo dos anos. Para muitos, à tristeza somava-se a incredulidade, pois não sabiam de seu real estado de saúde.

Segundo relatos de quem acompanhou de perto todo o pro-

<sup>1</sup> Em 2022 as notas foram disponibilizadas na página do CBPF [https://biblioteca.cbpf.br/pages/h\\_f](https://biblioteca.cbpf.br/pages/h_f).

cesso, a doença não afetou seu espírito prático e descomplicado. Ele a enfrentou com serenidade e parece ter-se preparado para o desfecho que previa inevitável. Até o final, foi coerente com sua maneira de ser e de se conduzir. O jeito Shellard prevaleceu: simpático, empático, generoso, amigo, gentilmente irônico, criativo, original e amante da vida, que soube desfrutar.

Ronald Cintra Shellard deixou um legado de trabalho em prol da ciência brasileira, de amor à família e de convívio fraterno e marcante com amigos e colaboradores. Singularíssima pessoa que sempre colocou a força da argumentação à frente de

qualquer animosidade, que soube liderar sem impor e que conquistou a todos os que tiveram o prazer de conviver com ele e seu jeito simples, descomplicado, inteligente e humano.

Creio que todos os parentes, amigos e colaboradores do Ronald têm com ele uma dívida de gratidão pelo privilégio de tê-lo conhecido. Eu guardo dele uma lembrança afetiva construída ao longo de exatos 40 anos de uma amizade que foi sendo apurada ao longo do tempo. Nos dias tão conturbados que vivemos, sua lucidez e seu singularíssimo jeito Shellard de ser nos farão muita falta.